

Sombria advertência ao Ocidente de um homem que viu o comunismo soviético por dentro

Poucos homens são tão qualificados como o político e escritor iugoslavo Milovan Djilas para falar sobre a ameaça do comunismo soviético. Djilas era comunista revolucionário antes da Segunda Guerra Mundial, membro do Politburo aos 28 anos de idade, freqüente emissário a Josef Stalin, general de guerrilheiros durante a guerra e, por fim, Vice-Presidente da Iugoslávia sob o Governo do Marechal Tito. O seu brilho e a sua coragem fizeram dele um herói em todo o mundo comunista. Mas Djilas foi pouco a pouco ficando intelectualmente desiludido com o comunismo. Em 1956 registrou as suas conclusões em A Nova Classe, considerado o livro mais revelador já escrito sobre o comunismo e a União Soviética. Ainda no começo de 1968, uma das acusações a dissidentes russos condenados em Leningrado foi que distribuía a obra de Djilas.

Não foi da segurança e do conforto do Ocidente que Djilas levantou a voz. Ao contrário, preferiu permanecer na Iugoslávia, esperando com o seu raciocínio e a sua eloqüência promover a liberdade para o seu povo. Em consequência, passou nove longos anos na prisão. Libertado em 1967, visitou recentemente o Ocidente, trazendo a seguinte mensagem que, segundo disse, chega "no momento mais crucial da História desde a Segunda Guerra Mundial".

A Nova e Perigosa Doutrina Russa de Conquista

MILOVAN DJILAS

EM 1951, o Governo britânico convidou-me para ir a Londres, onde tive uma longa conversa com Winston Churchill sobre os anseios de liberdade do meu povo na Iugoslávia. Quando me despedi, Churchill olhou para mim e declarou em tom rude:

—Sabe? Acho que você e eu estamos do mesmo lado da barricada.

Hoje, a invasão soviética da Tchecoslováquia torna essas palavras ainda mais pungentes para mim. De fato, a brutal marcha sobre Praga revela uma mudança sinistra e fundamental dentro do Kremlin, que coloca todos os homens que amam a liberdade atrás da mesma barricada

—onde quer que estejam. Todos nós, tentando aperfeiçoar a democracia num lado da Cortina de Ferro ou buscando as liberdades fundamentais do outro, vemo-nos agora diante de um nôvo perigo das mais graves proporções.

A burocracia governante soviética, ameaçada pelas marés da mudança, chegou à conclusão de que daqui por diante tem de recorrer não só à repressão dentro da União Soviética, mas também à conquista militar no exterior. A Tchecoslováquia não é o fim, mas o comêço. O que aconteceu ali não foi apenas uma “briga de família” entre comunistas. Essa ilusão é potencialmente suicida para o Ocidente. O que aconteceu foi a consequência última da morte do comunismo como fôrça espiritual.

A Nova Classe. Stalin arrastou a União Soviética para a era industrial pela fôrça bruta, internamente, e pela pirataria tecnológica, no estrangeiro. Durante o cruel processo, nasceu uma Nova Classe, composta de administradores e gerentes de um lado e de funcionários do Partido do outro. Foi dêsse grupo sem brilho, anônimo e sem imaginação que saíram os atuais dirigentes soviéticos. Êles são uma raça desinteressada de ideologia, incapaz de inovação e aterrada pelas perspectivas de mudança. Preocupam-se exclusivamente com a manutenção das suas posições de privilégio. Como um parasita da selva, essa Nova Classe tem continuado a crescer, alimentando-se do povo

da União Soviética e da Europa Oriental. Os seus componentes ainda cobiçam ternos da Hungria, petróleo da Romênia, aço da Alemanha Oriental. Por isso, estão decididos a manter o império herdado de Stalin.

Altamente afinada com seus próprios interêsses, essa classe dirigente percebeu, pelas alturas de 1967, que o império soviético não podia mais ser mantido apenas por meio do comunismo. A litania ainda era entoada, mas a “religião” havia minguado. Os dirigentes do Kremlin sabiam muito bem que a sua fôrça de atração ideológica era tão débil que o comunismo era rejeitado onde quer que os homens tivessem liberdade de escolha. Pior ainda, deparavam com inconfundíveis presságios de desintegração na Europa Oriental.

A Tchecoslováquia, até então o mais dócil dos satélites soviéticos, tinha começado a livrar-se dos grilhões. O povo estava cansado de fabricar aparelhos de televisão para os russos sem que os tchecos os tivessem, de produzir maquinaria pesada para estrangeiros em lugar de bens de consumo para si mesmo. As reformas liberalizantes foram lançadas não por “contra-revolucionários” anticomunistas, mas por comunistas tchecos. O povo se uniu não em oposição ao comunismo, que estava morto e perdera a importância, mas para ser livre e resistir à avidez soviética. Essas sementes de liberdade flutuaram através das fronteiras nacionais e chegaram à própria União Soviética.

Impulsos Para a Liberdade. Escritores, artistas, cientistas e outros intelectuais soviéticos advogavam abertamente a liberalização da economia soviética e a liberdade do povo. Não resta dúvida de que a dissidência dessa minoria de intelectuais criadores ainda não contaminou as grandes massas russas. Mas em 1967, no primeiro verão que passei fora da prisão, senti pessoalmente o vigor com que haviam crescido os impulsos para a liberdade dentro da União Soviética.

Eu e minha mulher estávamos estendidos ao sol na praia de Dubrovnik, antiga estância iugoslava de veraneio no Adriático. Um grupo de cerca de 15 russos estava também passando férias ali. Um deles se aproximou de mim e murmurou:

—Eu sei quem é você.

Encorajados, outros russos se juntaram a nós e começamos a falar livremente. Foram eles, e não eu, que primeiro falaram da necessidade de mudança e da insensatez de continuar em conflito com o Ocidente. Dentro de 15 minutos, os estranhos que éramos tínhamos formado de fato uma união de liberdade.

Mais tarde, um homem, que tenho certeza era agente da Polícia Secreta soviética, apareceu com uma máquina e começou a fotografar-nos. Diante disso, um dos russos se levantou, aproximou o rosto do meu e olhou diretamente para a máquina. Para mim, o choque foi muito doce.

Pensando na bravura dêsse cida-

dão soviético que queria mostrar à Polícia Secreta em que posição se encontrava exatamente, compreendi que a burocracia dirigente soviética teria de tomar em breve uma decisão: preparar-se para deixar a liberdade florescer ou esmagá-la.

Em 21 de agosto de 1968, todos soubemos qual tinha sido a decisão. O Exército soviético havia marchado sobre Praga.

Rota de Colisão. Em setembro, o *Pravda* proclamou o direito que tinha a União Soviética de intervir militarmente em qualquer país comunista soberano... e na Alemanha Ocidental. Dizia que “as considerações de ordem jurídica” não tinham importância.

Vocês no Ocidente podem perguntar: que novidade há nisso? Em que isso nos interessa? Afinal de contas, não há muito tempo que muitos aqui vêm advertindo que a União Soviética é um perigoso agressor?

O que se pode responder é que a União Soviética se lançou em nova política de agressão, não apenas pela subversão política e econômica, mas pelo emprêgo nu e cru da força militar. Se êsse rumo não fôr alterado a tempo, de fora para dentro, levará inevitavelmente a uma colisão com os interesses vitais do Ocidente, os quais terão de ser defendidos—inclusive pelas armas.

Por enquanto, a União Soviética não tem necessidade de apoderar-se do Govêrno da Alemanha Oriental, Polônia, Hungria e Bulgária.

Êsses países já estão em mãos das suas Novas Classes, cujos interesses e cuja própria pele dependem da Nova Classe da União Soviética. Senão vejamos quais são os seus dirigentes. Todor Jivkov, da Bulgária, acredita que o servilismo é a sua maior virtude—e, de fato, não possui outra. Janos Kadar, da Hungria, sabe muito bem como é inevitável a sua dependência do Exército soviético, que o levou ao poder e ali o mantém. Na Alemanha Oriental, o odioso Walter Ulbricht, patologicamente temeroso da liberdade e sustentado por 20 divisões soviéticas, continuará de bom grado a exploração do seu povo em benefício de Moscou. Wladyslaw Gomulka, isolado num casulo de proteção policial e dogma fossilizado, fará o mesmo na Polônia. Mas a Romênia tem procurado estabelecer relações econômicas com o Ocidente e a sua independência em matéria de política externa, e está, portanto, em perigo. A União Soviética poderá cuidar da Romênia na hora que quiser.

O verdadeiro alvo da nova doutrina soviética de agressão continua a ser a Iugoslávia. A burocracia soviética jamais poderá considerar seguro o seu império enquanto a Iugoslávia fôr independente. Pois, para as nações da Europa Oriental, a Iugoslávia constitui uma prova cada vez mais convincente de que a independência de Moscou é possível, prática e extremamente compensadora.

Evidentemente, eu não concordo com tudo o que se fêz em meu país desde que nos livramos da coleira soviética em 1948. Ainda assim, há muito para aplaudir. Estabelecemos proveitosas relações comerciais com o Ocidente. Continuamos a fazer experiências com vários métodos econômicos, muitas vezes com êxito. Os livros, revistas e jornais do Ocidente circulam livremente em nossas cidades. Os ocidentais excursionam livremente por nosso país e, por nossa vez, temos liberdade de falar com êles. Embora sejamos menos industrializados do que alguns dos nossos vizinhos, o nosso padrão de vida é agora superior ao dêles.

Além disso, desde o tempo dos czares até agora, os governantes russos sempre cobiçaram a Iugoslávia pelas mesmas razões estratégicas que tornariam a conquista do país desastrosa para o Ocidente. Com a ocupação da Iugoslávia, o Exército soviético ficaria postado nas fronteiras da Itália a oeste e da Grécia ao sul. As defesas do Ocidente na Europa ficariam fragmentadas. As nossas costas proporcionariam bases navais seguras das quais a União Soviética poderia de fato desafiar a supremacia ocidental no Mediterrâneo. E tôda a Iugoslávia poderia transformar-se numa base militar para a agressão soviética direta ao Oriente Médio e à África.

“Lutaremos”. Se formos invadidos, lutaremos sem dúvida—do mesmo modo que a Tchechoslováquia deveria ter lutado. Se o tivesse feito,

o mundo teria visto que não se tratava simplesmente de uma luta entre comunistas, mas da conquista militar de um país independente. Se uma nação não luta, não pode esperar ajuda.

Na Iugoslávia, a previsão do ataque já permeia todo o país como um pesado nevoeiro. Ao cair da noite, as famílias se reúnem para planejar como resistirão, com ajuda do Ocidente ou sem ela. Mas, em vista dos pontos estratégicos em jogo, não creio que qualquer guerra na Europa possa permanecer por muito tempo uma guerra limitada.

Por êsses motivos, tenho de chegar à ponderada conclusão de que a nova política soviética de agressão por conquista mergulhou o mundo numa época em que uma guerra catastrófica é provável—mas em que a paz é possível. Ainda há tempo felizmente para que o Ocidente aumente as probabilidades de paz.

Antes de mais nada, o Ocidente deve livrar-se de quaisquer persistentes ilusões no sentido de que os atuais dirigentes soviéticos são homens experientes que acabarão por criar juízo. Em 1967, êsses dirigentes instigaram os egípcios a atos que deram início a uma guerra no Oriente Médio e quase provocaram um conflito nuclear. Ainda em agosto de 1968, êsses mesmos laboriosos burocratas, fechando os olhos a tudo o que o resto do mundo pudesse fazer ou pensar, soltaram os seus exércitos para dominar um país soberano e independente. Êsses perigosos atos

de um passado recente não oferecem justificção para imaginar que os líderes soviéticos passem a agir com responsabilidade no futuro.

Fechando o Círculo. Tendo reconhecido a ameaça que a União Soviética representa como potência mundial imperialista, o Ocidente deve unir-se em sua própria defesa. A OTAN deve ser fortalecida imediatamente. Na realidade, as nações da Europa Ocidental que são mais diretamente ameaçadas devem insistir nesse fortalecimento. Tôdas as divergências, essencialmente insignificantes e transitórias, que têm contribuído para fragmentar a aliança, devem ser postas de lado.

Talvez mais importante do que tudo seja o Ocidente certificar-se de que dispõe de esmagadora superioridade militar. O conceito de que a paridade militar bastará é uma tolice potencialmente fatal. Os homens prudentes não se defendem de possíveis ataques de salteadores apenas com o mesmo número de armas que os salteadores usam. A margem da superioridade militar ocidental deverá ser tão claramente maior que até a burocracia soviética a perceba. Do contrário, esta se arriscará a aventuras em áreas cada vez mais amplas, e as idéias dos reformadores dentro do império soviético não terão chance. O preço de um poderio militar adequado é elevado, e todos os armamentos representam de certo modo um desperdício para a humanidade. Mas o custo é apenas uma fração do que o Ocidente pagará se

as forças militares soviéticas forem levadas a acreditar que não serão detidas.

Além disso, as instituições privadas e os cidadãos privados do Ocidente—universidades, sindicatos, partidos políticos, jornalistas, intelectuais—deverão contribuir para manter viva aos olhos do mundo a questão da repressão soviética. É claro que os dirigentes soviéticos pouco se incomodam com a censura moral por si só. Mas se incomodam sempre que a condenação moral cria problemas políticos para eles. O isolamento da União Soviética na opinião da humanidade como moralmente leprosa poderá criar problemas para a liderança soviética.

Por fim, o Ocidente deverá tomar a iniciativa de apresentar propostas

firmes, realistas e justas para a solução das suas principais divergências com a União Soviética. Esta deve ser levada a reagir de maneira séria e razoável às propostas para resolver essas divergências.

Não creio que a atual liderança soviética, desprovida de visão e acorrentada ao passado como é, consinta em quaisquer acôrdos por mais justos que sejam. Mas a simples proposta mostrará ao mundo quem deseja a paz e quem não a deseja. E essas propostas fortalecerão a posição dos homens de bem dentro da União Soviética e da Europa Oriental que anseiam pela época em que possamos derrubar as barricadas e começar a servir as verdadeiras necessidades da humanidade—a maior das quais será sempre a liberdade.



Letreiros

UM AUTOMÓVEL alegremente decorado tinha um letreiro atrás que dizia: “Recém-casados”. Abaixo estava escrito: “Finalmente!”

—M. B. M.

EM UMA visita ao Japão, vimos um letreiro num elevador informando que os empregados que usavam emblema vermelho falavam inglês. Abaixo do letreiro havia esta nota: “É favor falar inglês para principiantes.”

—R. F.

QUANDO o cinema do nosso bairro, dirigido por um tal Sr. Arthur, anunciou na marquise o filme *Não me Mandem Flôres*, o florista próximo expôs êste letreiro: “Bolas para o filme de Arthur!”

—G. W.

NUMA parede de Buenos Aires estavam rabiscadas em letras malfeitas as seguintes palavras: “Yankee Go Home.” Abaixo, em letras de fôrma, bem-feitas, estava escrito: “Pela Pan-American.”

—Sr.^a Nat Norfleet, citado em *Advertiser* de Honolulu